

1 Introdução

*Assim falaram as virgens do grande Zeus verídicas,
por cetro deram-me um ramo, a um loureiro viçoso
colhendo-o admirável, e inspiraram-me um canto
divino para que eu glorie o futuro e o passado,
impeliram-me a hinear o ser dos venturosos sempre vivos
e a elas primeiro e por último sempre cantar.*

Hesíodo

De modo análogo a *Teogonia*, esta dissertação também se inicia com uma “invocação” às Musas, tão caras aos poetas gregos. Filhas da deusa Mnemosyne, elas eram consideradas as protetoras das Artes e da História e as obras desses campos eram postas sob sua proteção. Acreditava-se que as Musas davam aos poetas e historiadores “o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade”¹. Além disso, a invocação às Musas representava também o compromisso com a verdade, uma vez que, com a sua inspiração de ordem divina, os poetas seriam auxiliados a não relatar falsidades sobre os homens e os fatos memoráveis que deveriam servir de exemplo para as gerações futuras.

Não se pode deixar de refletir sobre o caráter divino ou sobrenatural que a memória representa entre os gregos. O recurso à divinização para explicar uma atividade realizada pelos homens revela uma tentativa inicial de sistematização e reflexão acerca do funcionamento do mundo (*cosmos*) e, conseqüentemente, de tudo o que se encontrava inserido nesse universo fechado, inclusive o homem e suas ações. Assim, o pensamento mítico se apóia nos atos exemplares dos deuses para esclarecer e dar sentido ao cotidiano². No caso específico da memória, sua divinização representa uma explicação acerca dessa atividade humana, indicando uma forma do homem lidar com a questão do tempo e da finitude. A atividade de memorizar pode ser considerada aqui como uma tentativa de reter o tempo, já que a imortalidade poderia ser alcançada através da lembrança possibilitada pelo registro que impede o esquecimento.

¹ CHAUI, M., *Convite à filosofia*, p. 126.

² Cf. VERNANT, J-P., *As origens do pensamento grego*.

No entanto, por mais distante que a invocação às Musas da memória pareça estar, o pensamento que a motiva não se encontra tão longe das indagações contemporâneas. Se as narrativas poética e histórica gregas recorriam à memória como uma forma de dominar o tempo, podemos inferir que o fazer narrativo mostra-se como um elemento de suma importância para se pensar a questão da temporalidade. Tal dedução resulta do fato da narrativa mítica possibilitar uma reflexão e uma relativização da experiência temporal. Isto ocorre por ser através da narrativa que se tem a certeza de registro do passado (e, conseqüentemente, a certeza da sua existência), que se reflete sobre o que está por vir e, finalmente, que se pondera sobre o presente em relação ao tempo pregresso e às possibilidades futuras.

As relações entre literatura, história e memória estabelecidas entre os gregos na Antiguidade ressoam nas reflexões contemporâneas sobre os limites e fusões dos lugares, historicamente distanciados, destinados ao relato do real e ao relato ficcional. Como exposto anteriormente, as filhas da deusa da memória eram consideradas protetoras tanto das Artes quanto da História. Tal informação revela uma característica comum entre esses dois campos, a saber, a relação de ambos com o passado (evidenciando neste sentido o passado como os fatos históricos e também como tradição cultural). Portanto, a rígida distinção entre real e ficcional, comumente utilizada para distinguir narrativas ficcionais e históricas, não deve ser aplicada no caso das narrativas míticas, uma vez que estas não pertenciam ao paradigma em que as duas ordens de discurso devem ser distintas³. Além disso, no que diz respeito às narrativas históricas gregas, como a realizada por Heródoto (c.485–420 a.C.), por exemplo, o caráter poético e retórico das mesmas era considerado um elemento constitutivo natural e, pode-se dizer, essencial, para a composição do discurso histórico. Sendo assim, evidencia-se na Grécia antiga uma dissolução do limite entre o ficcional e o real, o que será novamente observado nas delicadas relações entre realidade e ficção no discurso memorialístico que se manifesta largamente na literatura contemporânea e que será um dos pontos centrais desta dissertação.

Por isso, um estudo que tem o relato sobre a experiência pregressa como um dos seus eixos centrais não poderia ser iniciado sem reverenciar também não as

³ Cf. WHITE, H., *The Content of the Form. Narrative discourse and Historical representation*.

Musas “da memória”, mas um tipo de pensamento que já evidenciava uma busca de compreensão para um problema primordial que permaneceria à procura de reflexões e de tentativas de solução, mesmo após o enfraquecimento do pensamento mítico e o início do desenvolvimento de um saber racional. As imbricações entre lembrança e experiência temporal que se manifestam na narrativa de teor factual permaneceriam como objeto de investigação até a contemporaneidade.

A importância desse tema assume uma dimensão ainda maior se considerarmos a centralidade que a memória adquiriu após a segunda metade do século XX, especificamente após a Segunda Guerra Mundial, como meio de registrar e relatar acontecimentos traumáticos, a fim de tornar os “passados presentes”, buscando evitar o esquecimento e a repetição. Na expressão “passados presentes”, utilizada por Andreas Huyssen em seu livro *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, evidencia-se tanto o deslocamento de foco do pensamento modernista para o contemporâneo (de “futuros presentes” para “passados presentes”), quanto a aproximação entre o tempo pregresso e o agora, ou a distensão das distâncias processada no discurso⁴.

O modo como a narrativa processa estas diferenças temporais entre o fato e o momento da narração é um dos pontos investigativos sobre os quais se debruçou Paul Ricoeur (1913-2005) em sua grande obra *Tempo e Narrativa*⁵. Nela, Ricoeur apresenta uma revalorização da narrativa mostrando ser esta o ponto de interseção do grande espaço historicamente estabelecido entre os dois modos de discurso, ficcional e histórico. Nos três volumes que compõem *Tempo e Narrativa*, Ricoeur objetiva mostrar uma saída para as aporias do tempo filosoficamente divididas entre as concepções fenomenológicas e cosmológicas. Entre o tempo subjetivo e o objetivo, resumidamente considerando, Ricoeur traz um terceiro tempo como aquele capaz de solucionar, poética e não especulativamente, as aporias, uma vez que ele opera no interstício entre estes dois pólos teoricamente distanciados. É

⁴ Apesar de Huyssen investigar, como o título do seu livro já indica, o modo como outros âmbitos, que não a literatura, expressaram essa preocupação das sociedades ocidentais contemporâneas com a memória, chamo a atenção para a esfera narrativa, já que será sobre ela que esta dissertação irá se deter.

⁵ Os três volumes da obra foram traduzidos para a língua portuguesa e publicados no Brasil pela Editora Papirus. Porém, como tais edições encontram-se esgotadas, utilizamos na pesquisa a versão inglesa de *Tempo e Narrativa*. Assim, de modo geral, as citações do livro de Ricoeur (bem como de outros livros em língua inglesa e francesa) foram mantidas de acordo com o original nas notas de rodapé, enquanto no corpo do texto incluímos as traduções livres dos excertos citados.

este o tempo configurado no relato, ou seja, no próprio fazer narrativo. Segundo Ricoeur, este é o tempo narrado (*narrated time*), também denominado tempo humano (*human time*), que nasce das trocas entre a historicização das narrativas ficcionais e a ficcionalização das narrativas históricas⁶.

Esta dissertação procurará investigar como se configura esse terceiro tempo na produção autobiográfica de José Cardoso Pires (1925-1998). Para tanto, abordaremos no próximo capítulo os aspectos da teoria de Ricoeur que serão relacionados com a escrita de teor autobiográfico do escritor português. Assim, procuraremos esclarecer a adequação do espaço autobiográfico à metafísica da narrativa sistematizada por Ricoeur, além de tratarmos dos questionamentos acerca do domínio teórico próprio da autobiografia.

Como num sistema circular, onde as coisas sempre retornam à sua origem, o ponto em que chegamos neste proêmio nos remete de volta ao início da explanação. A investigação sobre a autobiografia retoma as considerações acerca da memória que iniciaram a presente introdução, já que a narrativa de cunho subjetivo, que tem como base uma experiência, detém-se, primordialmente, na lembrança.

A princípio, abordar a questão da memória a partir de algumas obras de José Cardoso Pires significaria, provavelmente, percorrer um caminho em que esta memória é constantemente discutida e questionada como mecanismo de verdade e de poder social e político. Entretanto, um dos objetivos centrais desta dissertação é procurar estabelecer um novo percurso para se pensar a memória em relação ao escritor português. Por isso, este estudo não tenciona abordar a memória *em* Cardoso Pires, mas pretende refletir sobre a representação da memória *de* Cardoso Pires, isto é, da lembrança sobre a experiência de teor pessoal que é construída e reconfigurada pelo escritor no ato narrativo. Sendo assim, esta dissertação visa discorrer sobre a atividade mimética de lembrança, composição e imaginação sobre elementos factuais de teor autobiográfico realizada por José Cardoso Pires nos livros *E agora, José?*, publicado em 1977, e *De Profundis, Valsa Lenta*, publicado em 1997⁷.

⁶ RICOEUR, P., *Time and Narrative*, v. 3, p. 102 (doravante TN 3).

⁷ É importante ressaltar que, apesar de outros escritos ensaísticos de José Cardoso Pires terem sido publicados postumamente, optaremos por analisar somente aqueles livros de caráter autobiográfico e ensaístico que foram permitidos, publicados e revisados pelo próprio autor. Chamo a atenção

O presente estudo busca investigar o modo como o escritor português realiza a atividade de partir da experiência, e do mundo, e transformá-la em narrativa capaz de organizar e redimensionar o que era percepção disforme. Pretendemos examinar as diferentes formas como essa relação entre construção narrativa e passado factual se expressa nas obras selecionadas para investigação. Por conseguinte, é importante esclarecer que o enfoque sobre os modos de expressão autobiográfica de um livro de ensaios e um livro de memórias, ou seja, textos considerados não-ficção, implica uma considerável diminuição de análises do texto literário como as comumente encontradas em trabalhos que primam por investigações sobre textos especificamente ficcionais.

O problema dos tênues limites entre ficção e realidade perpassa a literatura de Cardoso Pires, provocando no leitor a incerteza de estar diante de uma ficcionalidade do real ou de uma realidade ficcionalizada. Em meio a essa questão, surge também um outro ponto central: como seria possível analisar a sua biografia diante dessa diluição dos limites entre fato e ficção? Entre a memória pessoal e a ficcionalização da história e da sociedade parece abrir-se um espaço na obra do autor em que estes dois pólos interagem concomitantemente. Isto é, um espaço literário, coerentemente, de acordo com o próprio Cardoso Pires, “à margem da ficção”⁸, que une memória, crítica e investigação à criação e imaginação literárias sem, no entanto, prender-se necessariamente a nenhum dos lados. É neste espaço que se mostra relevante uma investigação acerca da escrita de teor autobiográfico de José Cardoso Pires e do modo como as duas obras selecionadas, mesmo sendo comumente denominadas “não-ficção”, movimentam-se entre o real e o imaginário.

No caso de *E agora, José?*, em cuja análise estará centrado o capítulo três, nota-se que a questão da voz narrativa e da distinção ficção e não-ficção destacam-se na leitura do livro. Essa obra agrupa vários ensaios escritos e reescritos durante a ditadura em Portugal e depois do 25 de Abril de 1974, o que resulta em uma grande quantidade de textos que têm a ditadura como tema central. Assim, o autor escreve sobre o regime ditatorial e seus mecanismos de coerção e poder, além de discorrer também sobre a experiência de outras pessoas

para a publicação em vida porque a seleção de textos que compõem um volume também se mostra como elemento essencial para detectar o traço autobiográfico.

⁸ PIRES, J. C. apud PEDROSA, I., *José Cardoso Pires – Fotobiografia*, p.96.

durante esse período, isto é, eleger diferentes personalidades como personagens-históricos principais. Entretanto, tais temas coletivos não resultam somente na configuração do retrato de um “nós”, ou seja, de uma sociedade e de uma época bem determinadas, mas também do homem que nela viveu e que sobre ela reflete e narra, isto é, do próprio Cardoso Pires⁹.

Já *De profundis, valsa lenta*, que será tema do capítulo quatro desta dissertação, foi escrito por José Cardoso Pires após recuperar-se de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) que afetou, principalmente, a fala e a memória do autor, atingindo, conseqüentemente, faculdades correlatas como a leitura e a escrita. A narrativa é um relato autobiográfico da enfermidade, abarcando o momento em que o escritor sofre o AVC até a sua saída, já recuperado, do hospital. No entanto, o livro, caracterizado no subtítulo como “memórias”, não se restringe a um relato fiel e exato da realidade experienciada historicamente pelo autor. Tendo em vista o fato de que Cardoso Pires não se recorda completamente do que se passou no período em questão, deduz-se que essa autobiografia seja também composta de invenções narrativas a partir do real. Sendo assim, a própria caracterização do livro como “memórias” poderia ser questionada. Seja pela narração realizada a partir da observação de outras pessoas sobre o período em questão, seja pela invenção que o autor faz a partir da própria memória, isto é, pelo processo criativo que se dá no momento de transformação da lembrança do real em texto, o livro mostra-se como um profícuo motivador para a reflexão sobre como se constitui a autobiografia em Cardoso Pires.

Assim, a fim de investigar o texto de teor autobiográfico em José Cardoso Pires como um lugar em que a extensa distância entre história e ficção, real e imaginário, público e privado pode ser consideravelmente reduzida através da reconfiguração do passado pelo modo narrativo, iremos, primeiramente, realizar um recuo teórico que nos permitirá encontrar as bases para refletir e descobrir (no sentido de tornar visível o que estava encoberto) o lugar e a constituição da autobiografia em Cardoso Pires. Esperamos que a análise a que este estudo se propõe possa oferecer um caminho para se pensar a resposta a essa questão.

⁹ É importante salientar que este estudo não dará um destaque maior ao tema político que perpassa *E agora, José?*. Os desdobramentos sociais e políticos que envolvem o livro em questão serão comentados apenas em função do caráter coletivo do texto de narrativa histórica e de teor autobiográfico, como será visto posteriormente.